O que dizem as pesquisas e as alfabetizadoras sobre a alfabetização

Organizadoras e organizador
Nicole Martini Longhi
Vitória Santos Ruver
Sônia Regina da Luz Matos
Agenor Lopes Filho



EDUCS
PESQUISA

O que dizem as pesquisas e as alfabetizadoras sobre a alfabetização

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Ubiratã Rezler

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Asdrubal Falavigna

Vice-Reitora:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
André Felipe Streck

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS
Alexandre Cortez Fernandes – Presidente
André Felipe Streck
Clovis Eduardo Malinverni da Silveira
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Janaina Macke
Márcio Miranda Alves
Marcell Bocchese
Odair Camati
Odilon Giovannini Junior
Pedro Lopes da Cruz
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Terciane Ângela Luchese
Vinício Cecconello

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Universitá degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra

O rigor e a exatidão dos conteúdos publicados nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos(as) seus(suas) autores(as) e organizadores(as).
© dos organizadores
1ª edição: 2026
Preparação de texto: Roberta Regina Saldanha
Leitura de prova: Helena Vitória Klein
Finalização de arte: Luana Stela Martini
Editoração: Igor Rodrigues de Almeida
Capa: Educs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

Q3 O que dizem as pesquisas e as alfabetizadoras sobre a alfabetização [recurso eletrônico] / organizado por Nicole Martini Longhi ... [et al.]. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2026.
Dados eletrônicos (1 arquivo).

Apresenta bibliografia.
Vários organizadores
Modo de acesso: World Wide Web.
DOI: 10.18226/9786558076155
ISBN 978-65-5807-615-5

1. Alfabetização. 2. Educação. 3. Pesquisa. I. Longhi, Nicole Martini.

CDU 2. ed.: 37.016:003-028.31

Índice para o catálogo sistemático:

1. Alfabetização	37.016:003-028.31
2. Educação	37
3. Pesquisa	001.891

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500

Direitos reservados a:

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

O que dizem as pesquisas e as alfabetizadoras sobre a alfabetização

Organizadoras e organizador
Nicole Martini Longhi
Vitória Santos Ruver
Sônia Regina da Luz Matos
Agenor Lopes Filho

EDUCS
PESQUISA

Nossa homenagem às pesquisadoras da América Latina falecidas no ano de 2023. Elas fizeram combate-entre a colonização das políticas mercadológicas sobre a alfabetização e as políticas pedagógicas para a alfabetização: Magda Soares (1932-2023); Ana Teberosky (1944-2023) e Emília Ferreiro (1937-2023).

Agradecemos:

ao Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap – PPGEdu/UCS);

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (Capes/Prosuc);

à Universidade de Caxias do Sul pela concessão da bolsa, a partir da Lei nº 12.101, a Lei Complementar nº 187/2021;

ao Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação (PDE/CNPq).

Sumário

Alfabetização e os objetos inertes 7
Profa. Ma. Nicole Martini Longhi
Profa. Vitória Santos Ruver
Prof. M. Agenor Lopes Filho
Profa. Dra. Sônia Regina da Luz Matos

Treze pesquisas em alfabetização 9

Vinte (e poucas) notas sobre alfabetização 11

Das nossas investigações no território da alfabetização 14

Produção de subjetividade na alfabetização: o ICMS Educacional 16

As crianças têm orelhas (1949): para não miseravelmente cartografar 18

11 de março de 2020: diário de uma vagabunda alfabetizadora 21

Aprendizado como potência de agir: uma tentativa na alfabetização 23

Texto como escritura: conselhos em alfabetização 25

Cenas alfabetizadoras 28

Na alfabetização: o que dizem as crianças negras sobre a Negritude 30

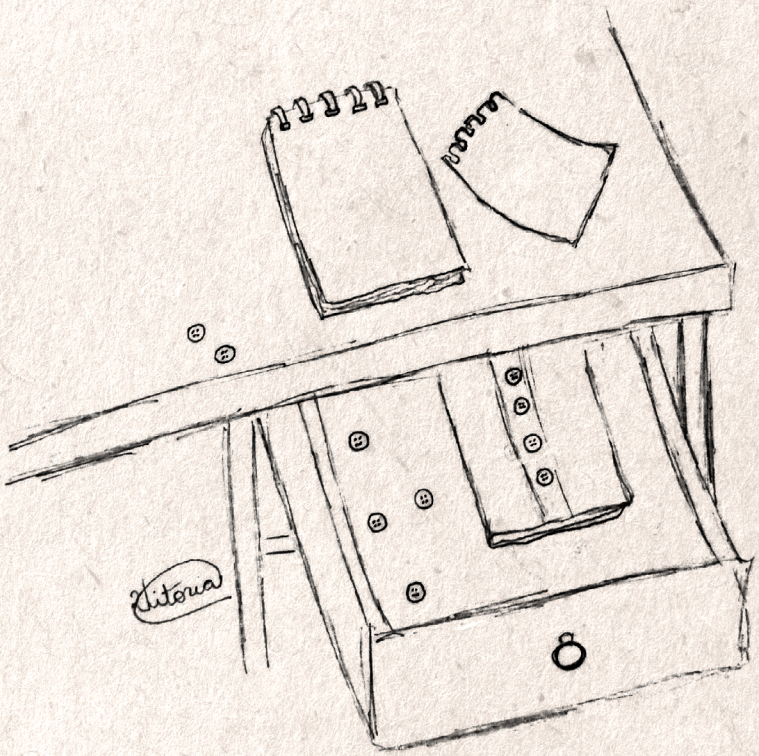
Professora fala, professora escreve! 32
Caren Cristina Sasset

Quantas histórias cabem em uma sala de aula? 36
Fernanda Bertoldo

Posfácio 39
Luciana Pires Alves

Referências 40

Biodatas 42



Alfabetização e os objetos inertes

O presente catálogo surge do desejo de um coletivo de pesquisadoras, o desejo pela pesquisa em alfabetização. Queremos divulgar, mostrar e ampliar o debate a partir das pesquisas e dos discursos em alfabetização que se encontram no repositório de teses e dissertações, vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Abrimos as comportas e deixamos que as palavras e as vozes se espichem, se multipliquem e se fortaleçam.

A elaboração deste catálogo foi pensada para chegar às mãos das alfabetizadoras, tentativa de rasurar os limites entre a escola e a academia. Ele acontece pelo movimento do Grupo de Pesquisa Pedagogia Crítica e Clínica da Diferença (PCCD), atrelado à Linha de Pesquisa História e Filosofia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS, conduzido pela Professora Dra. Sônia Regina da Luz Matos. O compilado de materiais apresentados surge em dois momentos, os quais serão descritos a seguir.

O tema da alfabetização esteve presente no evento V ENLIC SUL – Encontro das Licenciaturas da Região Sul[1], que ocorreu de 13 a 15 de abril de 2026. Em composição com as investigações do grupo de pesquisa PCCD, aconteceu a mesa *Alfabetização: políticas, pesquisas e práticas em debate*[2]. O professor pesquisador Dr. Lourival José Martins Filho (UDESC) participou, acompanhado dos coordenadores da mesa, a saber, a doutoranda Nicole Martini Longhi (UFRGS), o doutorando Agenor Lopes Filho (UCS) e a mestranda Vitória Santos Ruver (UCS).

No evento, reuniram-se representantes da Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul; universidades participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID); pessoas que se detiveram em pesquisar, em cursos de Mestrado e Doutorado, a temática da alfabetização no âmbito do PPGEdu/UCS; estudantes de graduação e pós-graduação; e professores e professoras da rede pública de ensino. A coordenação da mesa apresentou as pesquisas desenvolvidas no âmbito do PPGEdu/UCS sobre o tema alfabetização, abrindo o debate. As discussões produzidas instigaram a escrita dos textos integrantes deste catálogo, assim como os títulos e *links* para os textos das citadas investigações em alfabetização.

Neste catálogo, fabulou-se sobre as pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Pedagogia Crítica, Clínica e Diferença

[1] Disponível em: https://enlicsul.com.br/
[2] Disponível em: https://enlicsul.com.br/programacao/presencial

pelos próprios autores, movimento que partiu de sua proximidade com as investigações. Além disso, a fim de expandir o diálogo em torno da temática da alfabetização, agregaram-se as contribuições de pesquisadores convidados de outras instituições para a escrita de textos. Ao final, há um fechamento – que não fecha – e as referências que sustentam a composição da obra.

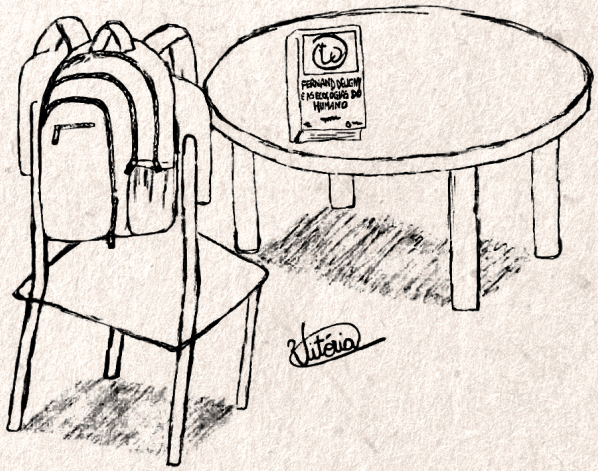
As imagens que permeiam o catálogo são traços autorais da professora e mestranda Vitória Santos Ruver. A ideia da produção de tais imagens foi extraída da obra *Les enfants ont des oreilles* (1949), livremente traduzida por *As crianças têm orelhas* (1949), de autoria do escritor e educador francês Fernand Deligny (1913-1996). Os desenhos marcam o traçado de objetos inertes que acompanham o processo de uma pesquisa e sua escrita.

Objetos inertes é uma noção elaborada na referida obra. O autor descreve que as crianças estão constantemente em contato com objetos a partir de seus gestos. A inércia é a posição que o educador dá ao objeto, sem significá-lo para a criança, pois, a partir dela, mantém-se a criação de circunstância de pluralidade para figurar e mobilização do imaginário *com* os objetos. Sobre isso, Deligny disserta: "Os menores objetos da vida cotidiana estão carregados de histórias que as crianças pressentem ao brincar com eles ou ao olhar, não tanto o que eles são, mas o que figuram ou podem figurar[3]" (1949, p. 13, tradução nossa).

Ansiamos que este material se espalhe, que transmigre para outros territórios e que funcione como parte de encontros alegres entre a pesquisa acadêmica, a alfabetização e as alfabetizadoras.

Caxias do Sul, 20 de agosto de 2026.

Organizadoras[4] e organizador
Nicole Martini Longhi
Vitória Santos Ruver
Sônia Regina da Luz Matos
Agenor Lopes Filho



[3] Excerto original em francês: "*Les moindres objets de la vie de tous les jours sont bourrés d'histoires que les enfants pressentent lorsqu'ils jouent avec eux ou regardent non pas tellement ce qu'ils sont, mais ce qu'ils figurent ou peuvent figurer*" (Deligny, 1949, p. 13).

[4] Assumimos o gênero feminino em todo o texto, marcando a presença majoritária da mulher na docência, especialmente no território da alfabetização.

Treze pesquisas em alfabetização

A escrita deste catálogo é a materialização de encontros e debates de ideias implicadas no rizoma, como se fosse uma imagem de grama, espalhado. Um esforço coletivo investigativo que buscou promover o debate e dar continuidade ao que já foi pesquisado ou dito sobre o tema da alfabetização pelas/os pesquisadoras/es e alfabetizadoras/es, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGedu/UCS). Tomamos, como processo inicial de toda esta construção, o mapeamento das pesquisas acadêmicas no repositório do PPGEdu da Universidade, utilizando o descritor *alfabetização*. Em nossa busca, localizamos 13 pesquisas (dados de até 2025), entre teses e dissertações, produzidas a partir de inquietações que dialogam com a alfabetização.



Necessitamos de mais investigações que problematizam temáticas como negritude, comunidades indígenas, EJA, entre outras. Desejamos que elas deem expansão ao debate sobre alfabetização, e não mais como pauta meramente representativa, primando por políticas públicas efetivas, não programas sazonais.

Como modo de partilha desses debates e a popularização dos movimentos do encontro que ocorreu entre a universidade e algumas alfabetizadoras presentes, disponibilizamos o mapeamento detalhado dos 13 trabalhos localizados no repositório da Biblioteca da UCS. Você terá acesso aos links caso queira conhecer melhor às teses e dissertações.

Dissertações

2025 – Produção de subjetividade na alfabetização: o ICMS educacional

2024 – Cenas alfabetizadoras

2024 – Na alfabetização: o que dizem as crianças negras sobre a negritude

2022 – 11 de março de 2020: diário de uma vagabunda alfabetizadora

2022 – Aprendizado como potência de agir: uma tentativa na alfabetização

2022 – Texto como escritura: conselhos em alfabetização

2020 – Processos de alfabetização em livros didáticos de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental – PNLD 2019

2016 – Letramentos em diálogo com o acervo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: uma ampliação da experiência com linguagem

2015 – Práticas discursivas e subjetivação: constituindo professores + alfabetizadores

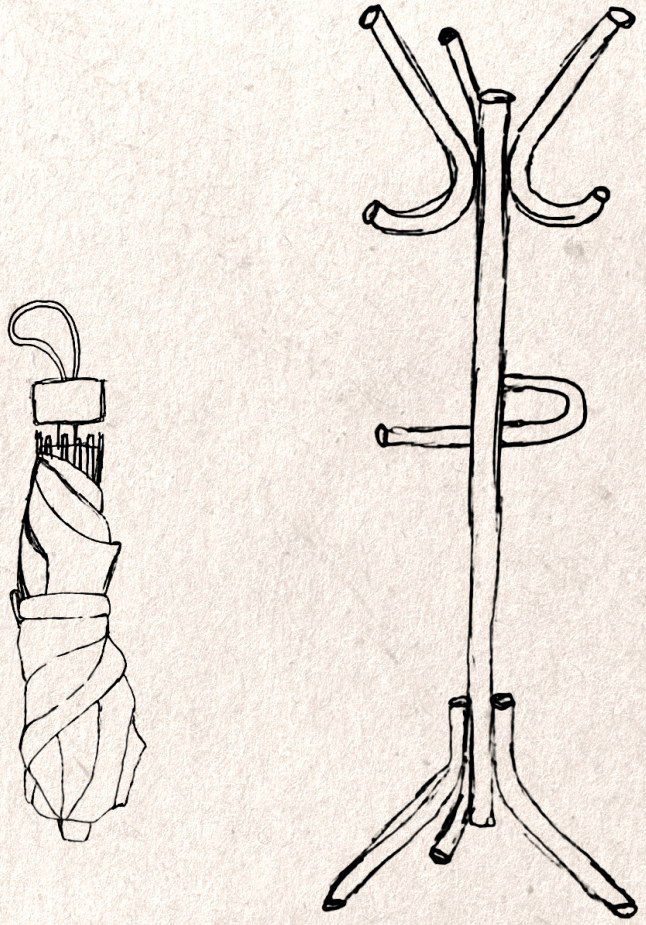
2014 – O docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental e suas concepções sobre alfabetização e letramento

2014 – Implicações do processo de alfabetização na formação do leitor competente

Teses

2025 – Práticas de escrita e leitura por imigrantes e descendentes, da península itálica à Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1875-1920)

2022 – Círculos de cultura no Rio Grande do Sul: um movimento de alfabetização realizado a partir de Paulo Freire (1963-1964)



Vinte (e poucas) notas sobre alfabetização

O encontro intitulado *Alfabetização: pesquisas, políticas e práticas em debate*, no espaço público do ENLIC Sul, foi o palco de um tipo de debate horizontal com professoras/es, pesquisadoras/es e estudantes de iniciação científica, participantes reunidos pela diversidade de posicionamentos e pesquisas, a partir dos quais questões urgentes sobre a temática em questão entraram em debate. Articula-se o tema das produções de pesquisas com outras abrangências, abrindo frentes para pensamentos, outras (quem sabe novas) práticas e posicionamentos investigativos. Desse debate, surge uma escrita ao modo de notas. Algumas delas se fazem de forma compulsiva do que se passa lá.

1. *Há um comum entre pesquisas, políticas educacionais e práticas pedagógicas no território da alfabetização: trata-se de atos políticos.*

2. *Decide-se o que pesquisar em alfabetização, no âmbito acadêmico, pelos encontros com às problemáticas não reduzidas às soluções universais.*

3. *Alguém indagou: "Quem fala de educação neste país? Quem pensa as políticas para alfabetização? Por que as professoras alfabetizadoras não são chamadas para falar da educação e especificamente da alfabetização?". Não existe solução fora da escola, fora do contexto, as possibilidades de solução estão no coletivo, nos grupos docentes.*

4. *Somos rede.*

5. *Tensiona-se pensar a existência de uma criança negra em uma classe de alfabetização, uma vez que a raça é um marcador de produção de violências motivadas pela cor da pele e mistura-se à formação dessas crianças, colocando-as em lugar de inferioridade pela colonização do corpo negro.*

6. *O analfabetismo (produção discursiva e posicionamento identitário institucionalizado) se constitui pelos abandonos de políticas públicas de EJA e da pedagogia da patologização determinismo dos discursos da dificuldade de aprendizagem.*

7. *Defende-se a alfabetização como política de Estado.*

8. *Políticas educacionais homogeneizantes desconsideram a dimensão cultural da alfabetização.*

9. *Argumenta-se que as crianças tenham a cultura escrita pelo ato literário.*

10. *Em uma sociedade grafocêntrica, alfabetizar é um exercício de não reduzir a alfabetização a ela.*

11. *Sustenta-se que as dimensões científicas da alfabetização falem com e não sobre as alfabetizadoras.*

12. *Há currículos (no plural).*

13. *Ação pedagógica é um jogo político de forças entre atos de política públicas + experiência + ICMS educacional + avaliação externa + alfabetizadoras.*

14. *Preserva-se que se tenha algum tipo de articulação entre as instituições de Ensino Superior e a formação inicial e continuada da alfabetizadora.*

15. *Argumenta-se a favor da curiosidade epistemológica no fazer da alfabetizadora.*

16. *As instituições de Educação Básica são espaços do processo de formação das alfabetizadoras.*

17. *A alfabetização, como processo discursivo, envolve atividades de letramentos, de leitura e de experiências com a cultura escrita em seus atos políticos sociais.*

18. *Parte-se do princípio de que toda criança aprende. Aprender e aprendizado não são movimentos de domínio exclusivo da escola.*

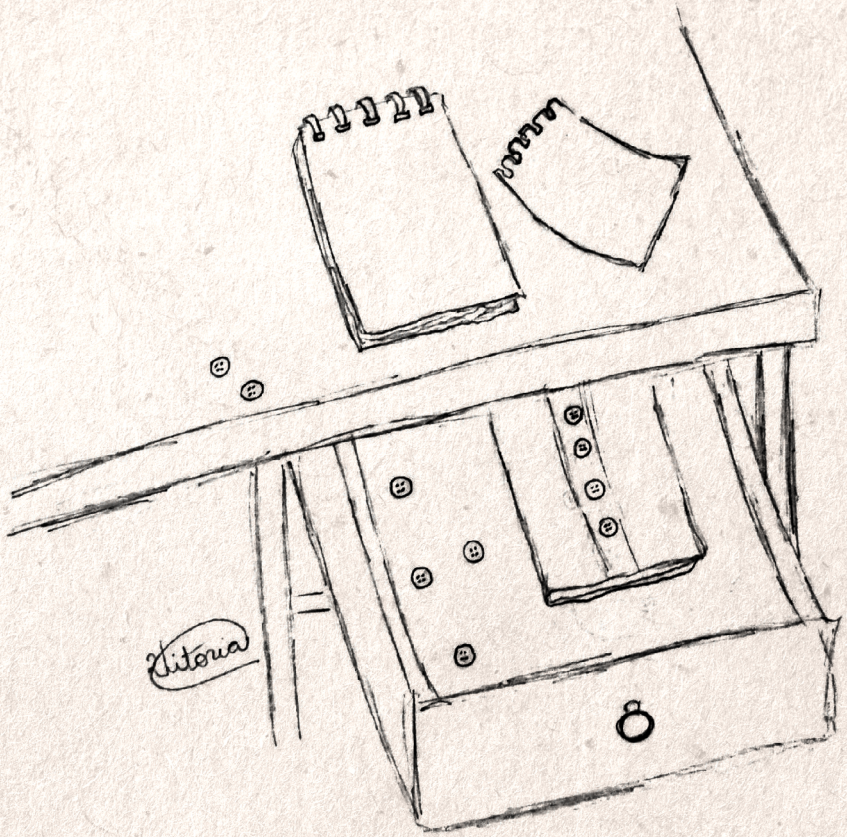
19. *Acima de tudo, a alfabetização é um direito à vida cultural.*

20. *Considera-se afeto e ludicidade como movimentos das práticas alfabetizadoras.*

21. *A atenção intencional na alfabetização envolve o brincar. Ele tem relação com a experiência-vida.*

22. *A relação pedagógica é ato político.*

23. *A palavra alfabetização suscita inquietações, outras pesquisas com temáticas ainda a explorar. A palavra suscita potenciais.*



Impossível atribuir grau de importância sobre as notas, pois são linhas que se entrelaçam, compondo uma rede de escritas, em um câmbio de deambulações em cada um dos 23 itens.

Das nossas investigações no território da alfabetização

Integrado à Linha de Pesquisa de História e Filosofia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS, o Grupo de Pesquisa *Pedagogia Crítica, Clínica e da Diferença* é coordenado pela professora Dra. Sônia Regina da Luz Matos e financiado com a Bolsa de Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação (PDE/CNPq – 2025) e dispõe de sete estudos sobre o tema alfabetização.

Esse grupo de pesquisadores/as, professores/as e alfabetizadores/as investem em investigações sobre os territórios da pedagogia clínica, educação e fruição conceitual filosófica, por meio da política de expressão textual da rede de escrileituras. Desse modo, produz-se o cenário da pesquisa a partir de protocolos de experiência. Estes são expressos pelas cartografias que acontecem e resultam em arquivos de material didático feitos por meio dos princípios de atuação de uma pedagogia da diferença, cartografando ateliês pelas experiências de escrileituras (Corazza, 2020; Costa, 2020; Matos, 2014).

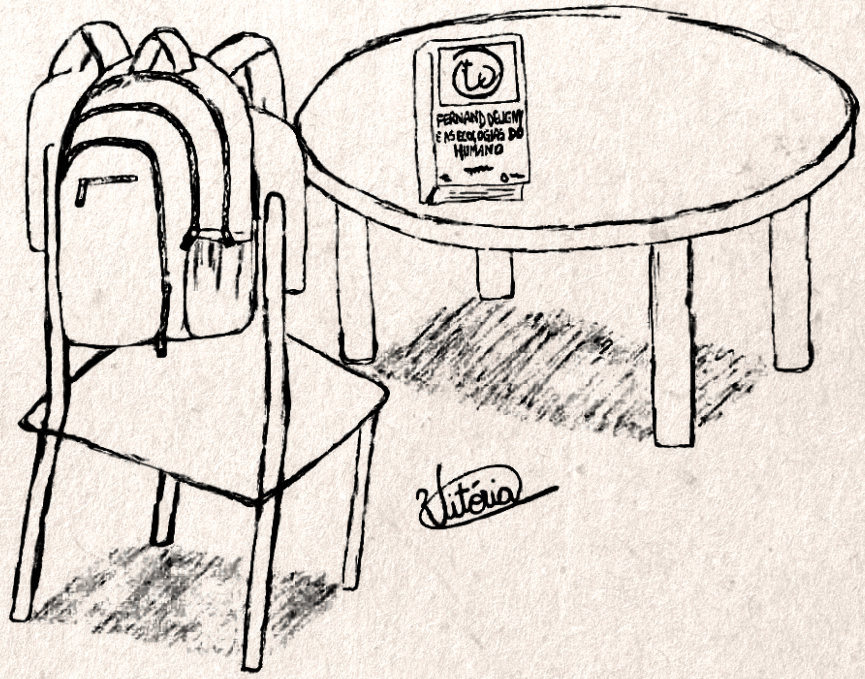
A pedagogia da diferença efetiva-se pela operação do referencial teórico nas investigações, que requer posicionamento ético-político do/a pesquisador/a. A experiência-vida, a partir dos ateliês, ganha espaço fora dos discursos binários entre teoria e prática. Os procedimentos de pesquisa produzem efeitos que podem incidir na urgente necessidade de um pensamento mais político, ético e estético nas práticas pedagógicas em nosso país.

Investigar o território da alfabetização, por tal perspectiva, é colocar as suas problemáticas em movimento e traçar roteiros, que são a atualização do já pensado, navegar por entre discursos, fazendo-os falar entre si. Interessa-nos fabular certa forma-livro híbrida, na qual sulcos são abertos e propõem novos fluxos textuais, musicais e visuais (Costa, 2020).

Quer-se criar condições para que algo seja pensado. Quer-se cartografar e montar pela experiência-vida, e não para um corpo para institucionalizado.

Arriscamos ainda problematizar e potencializar a alfabetização como procedimento de *escrileituras* no próprio processo do aprender a ler-escrever lendo e escrevendo em meio à experiência-vida, dando "passagem para os deslocamentos entre *sens* (de sentido) e *sans* (de ausência)" (Corazza, 2020, p. 24). Talvez, seja necessário romper o modo dualista de ler e escrever e operar com a escrita que lê e a leitura que escreve com toda a agonística envolvida no ato de alfabetizar.

Quer-se afirmar uma escrita que não seja somente codificação ou a expressão de significados, mas uma enunciação, agenciamento de signos de que se dispõe, escritura que se abre para a expressão de significantes. Quando a linguagem tem força ética-estética, a leitura abre-se para a fruição pelo prazer do texto (Barthes, 1987) entre escrevências e escrituras.



Produção de subjetividade na alfabetização: o ICMS[5] Educacional[6]

Caxias do Sul, junho de 2026.

Admirada colega,

Lhe escrevo pela necessidade de compartilhar algo que tem me inquietado, me aborrecido até. Mas, antes, preciso lhe contar sobre uma das minhas grandes paixões, para dizer do efeito que a causa desse aborrecimento provoca em mim. A alfabetização é um estado de enamoramento que me acompanha e que se renova a cada novo sentido que atribuo a ela. Algo que, em determinado dia, me pegou de surpresa. Encontro que ocorreu na segunda década de minha vida. Soma-se a isso, um bocado de tempo, diga-se de passagem.

O arrebatamento acontece ao ver um menino de seis anos brincando com papel e lápis, experimentando a escrita. Ele fala baixinho para si mesmo "bi-bi-bi", levanta a cabeça e coça a testa com o lápis. "Ahh, já sei." Baixa a cabeça, e com a língua por entre os dentes, escreve algo. Em seguida, continua "c-c-c-c-ci..." e leva o lápis ao encontro da folha novamente. Com a testa franzida e vincos entre os olhos, pronuncia "cle-cle... hum..." e arrisca, conduzindo a ponta do lápis novamente. Movimenta o globo ocular para cima, ao mesmo tempo que sua boca diz "taaa... Ahhh, essa é fácil!". Vira-se em minha direção e estende o pedaço de papel. Com os olhos estalados, que buscam os meus e parecem expressar satisfação, diz "Olha o que eu escrevi!". Olho para os traços que há pouco fizera "i-s-e-a". Peço a ele que leia para mim. Ele aponta o dedinho, letra a letra, e pronuncia de modo segmentado "bi-ci-cle, essa não sei se está certo... -ta". Levanta a cabeça e estufa o peito com um certo ar de conquista.

Imediatamente, lembro das aulas de alfabetização da faculdade e relaciono os estudos ao que acabara de presenciar. Sabe, foi arrebatador. Desde então, a alfabetização é parte da minha vida. Também, um desafio enorme, mas sempre um bom desafio. Conduzir a aprendizagem da leitura e da escrita é algo que me preocupa e me ocupa na mesma proporção. O prazer em planejar experiências de escrita e de leitura às crianças, das quais, por algum período, fui a professora, é, por assim dizer, extraordinário.

[5] ICMS (Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias). Emenda Constitucional nº 108/2020, que alterou as regras do novo Fundeb.

[6] Este texto leva o mesmo título da dissertação de autoria de Me. Nicole Martini Longhi.

As investidas, com o propósito de incitar a curiosidade sobre as palavras e os signos que as compõem, brincar e pensar sobre as palavras conhecidas, montar e desmontar os nomes próprios. Os aprendizados acontecem por entre tais experimentos.

Eis que chego ao que me motiva a lhe escrever estas linhas. De uns tempos para cá, tenho sentido uma movimentação diferente no território da alfabetização. O processo do aprender tem cedido espaço para os resultados sobre o aprendido. Nos meios digitais, um bombardeio de "superespecialistas" em alfabetização, com receitas mágicas e infalíveis. Além disso, batendo nas portas dos professores e professoras, das escolas e das Secretarias de Educação, os mercadores. Estes oferecem materiais, os mais diversos, com métodos muito inovadores, jurando ser capazes de alfabetizar em poucos meses.

Há pouco tempo, li uma reportagem que me causou bastante estranhamento. Entristeceu-me até. A reportagem falava da oferta de valores em dinheiro aos estudantes que obtêm os melhores resultados nas avaliações externas às escolas. Aos(as) professores(as), um bônus financeiro anual, proporcional ao atingimento das metas do Ideb[7] e aos indicadores de frequência e proficiência dos alunos. Ao ler esse tipo de coisa, encontro certo prazer em ser arisca. Digo e escrevo palavras ásperas. Mas sou apenas uma voz e as deixo dizer, as minhas palavras que não são minhas. Palavras que dizem em vão.

[7] Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), é o principal indicador de qualidade do ensino no Brasil. Ele varia de 0 a 10 e orienta metas de melhoria para escolas, municípios e estados.

Gosto de observar os movimentos ao meu redor e ver que eles não têm vida própria. Os modos de aumentar os indicadores sobre a aprendizagem são variados e criativos. Tenho visto algumas coisas como, por exemplo, pedir para que alguns estudantes fiquem em casa no dia do teste. Nem preciso lhe dizer que são aqueles estudantes que apresentam dificuldades dadas pelo que requer os padrões educacionais. Talvez possa afirmar, nesses casos, que a avaliação em larga escala perde o seu objetivo – mapear um território no que se refere às aprendizagens dos estudantes –, diante do ensejo de figurar "bons" resultados.

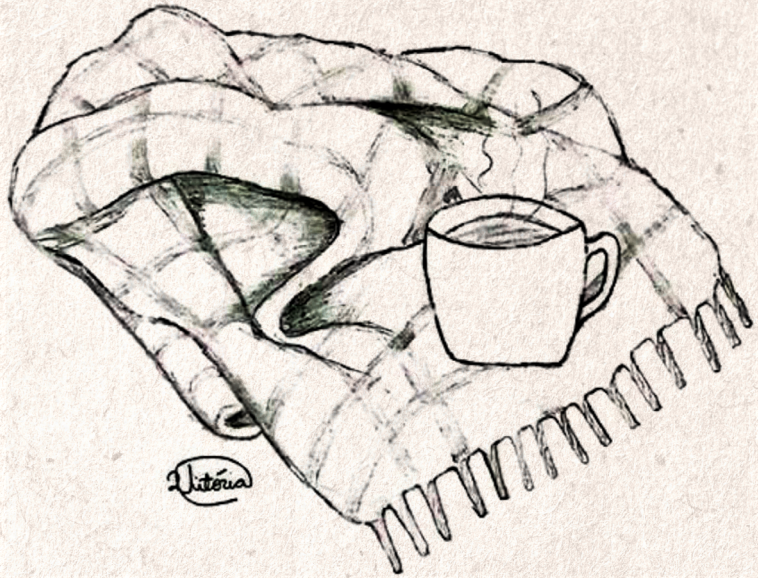
Um senso de competição e uma certa ideia de eficácia parece tomar conta da escola. Não paramos mais para debater sobre o processo de aprendizagem, mas sim os resultados. É interessante observar como o valor monetário opera em nossa sociedade.

Enfim, esse desabafo é um pouco pra dizer o que tem se passado. Esse emaranhado de coisas faz com que a paixão, antes descrita, pela alfabetização, perca potência. Cede um pouco o seu espaço para um sentimento de estranhamento e um tanto de indignação. Sabes que te admiro, assim como admiro o teu trabalho como alfabetizadora e, por isso, escolhi escrever a ti. Preciso dividir esse sentimento. Preciso ouvir o que você pensa a respeito. Aguardo por tua resposta.

Com afeto,
N.

As crianças têm orelhas (1949): para não miseravelmente cartografar[8]

Em um dia frio — *congelante* pode descrever melhor —, vou até o armário da cozinha e escolho um sabor de chá. Aqueço a água na chaleira elétrica e aguardo. Enquanto isso, apanho uma **xícara** que já está seca no escorredor de louça. Quando a chaleira desliga, preencho a **xícara** com água quente quase até a borda. Balanço o saquinho de chá dentro da água para cima e para baixo; o chá ganha cor ao mesmo tempo que solta seus aromas, sabores e vapores.



Sento no sofá e apoio a **xícara** na mesinha ao lado. A escrita, hoje, será mais aconchegante, pois pego um **cobertor** e enrolo entre as pernas. Esfrego uma mão na outra rapidamente e faço um esboço mental de como seria essa escrita. Então, penso sobre minha formação como pedagoga, sobre os momentos que passo com as crianças em sala de aula e, principalmente, sobre as minhas obras de estudo. Apanho a **xícara** de chá, assopro levemente o líquido quente e tomo um pequeno gole.

Quando entramos em uma sala de Ensino Fundamental, especificamente com alfabetizandos, nos deparamos com crianças. Vários autores argumentam que, antes de escolher qualquer método de aula, precisamos saber quem é essa

[8] Este texto leva o mesmo título da dissertação qualificada em 2025.

criança que está à nossa frente, precisamos criar vínculos. O escritor Fernand Deligny nos dá algumas pistas em sua obra *Les enfants ont des oreilles* (1949), livremente traduzido como "As crianças têm orelhas".

Quando a **xícara** de chá já está na metade, uma onda de calor percorre lentamente o corpo. Com isso, precisei desvencilhar-me parcialmente do **cobertor**. Continuei a escrever... O início do prefácio da obra, resumidamente, explica, com outras palavras, que a criança que está na escola é uma criança institucionalizada, com gestos institucionalizados e conduzida por educadores capturados pelo sistema, estes também meio de captura.

Alguns excertos escritos por Deligny (1949, tradução nossa)[9] merecem destaque. Eles mostram, em curtas frases, qual o conceito de criança o autor elaborou e que pode contribuir para essa discussão.

> *"Quando se fala da Criança, essa entidade abstrata. Essa maiúscula pretensiosa, que surge aleatoriamente em conferências e artigos, lhes parece carregada de ideologias doces demais para uma sociedade em decomposição"* (Deligny, 1949, p. 7, l. 22-25).

> *"Quanto às crianças, cercadas de todos os lados pelas preocupações adultas, elas murcham. Sua imaginação criadora; sua força inata de simpatia direta; sua impaciência, que vira dramas rápidos e imóveis, sem uso, sobrevivem mal"* (Deligny, 1949, p. 8, l. 26-30).

> *"Se o educador, sob o pretexto de não querer perder tempo, se recusar a satisfazer as crianças, sempre haverá comerciantes dispostos a fazê-lo"* (Deligny, 1949, p. 9, l. 7-9)

> *"As crianças se lançam sobre esse caldo enquanto milhares de educadores desajeitados ou insuficientes deixam de satisfazer uma das necessidades primordiais das crianças do nosso tempo"* (Deligny, 1949, p. 9, l. 12-15).

> *"E, no entanto, as crianças continuam precisando de histórias, mesmo em um mundo saturado de milagres científicos"* (Deligny, 1949, p. 11, l. 17-18).

> *"As crianças não têm uma consciência clara de seu lugar no mundo. Sentem-se sempre um pouco como o objeto universal. Elas emprestam com facilidade sua própria vida a tudo o que olham"* (Deligny, 1949, p. 12, l. 5-8).

[9] Link de acesso à obra com excertos originais em francês: https://encontrodeligny.org/wp-content/uploads/2023/02/9.-Les-enfants-ont-des-oreilles.pdf

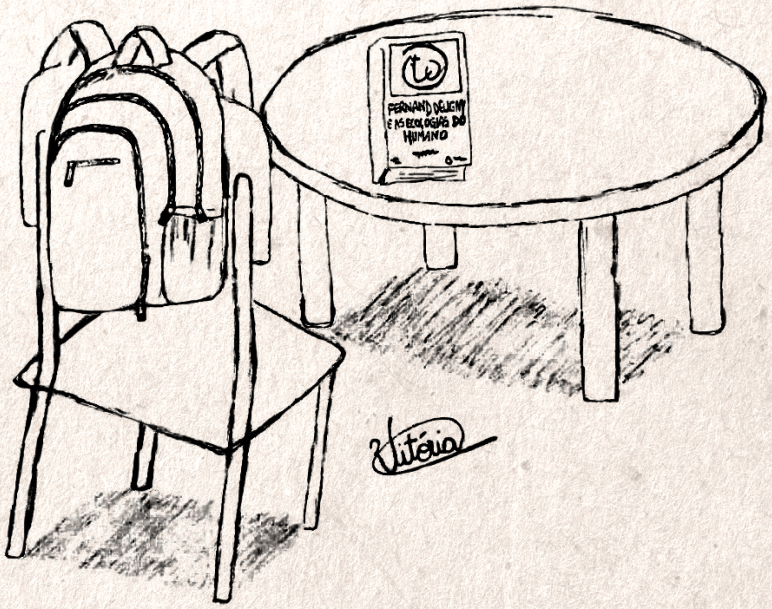
> *"Os menores objetos da vida cotidiana estão carregados de histórias que as crianças pressentem ao brincar com eles ou ao olhar, não tanto o que eles são, mas o que figuram ou podem figurar"* (Deligny, 1949, p. 13, l. 8-11).

> *"O que o adulto quer afirmar e provar é suspeito para a criança"* (Deligny, 1949, p. 16, l. 13-14).

Por fim, Deligny (1949, p. 16) afirma: *"Eu, da minha parte, acreditava estar apenas brincando por prazer com paralelepípedos, banco de madeira, xícara branca, um sapato velho e uma lanterninha"*. Os objetos citados são os personagens das histórias inventadas por ele. Ele argumenta que essas histórias são potentes para as crianças, quando contadas *com* as crianças e *com* objetos inertes.

Depois de todas essas linhas, também afirmo estar apenas brincando textualmente com um **cobertor** e com uma **xícara**. Como pedagoga e pesquisadora, operar com objetos inertes no meu texto mantém meu lado artístico e criativo vivo. Quando me dei conta, o chá acabou. Levei a **xícara** até a pia e voltei a me aninhar no **cobertor** com o computador no colo.

Após olhar os escritos de Deligny, notei alguns rastros pertinentes para este catálogo, como o ponto de vista dele sobre a criança (ou o alfabetizando, nesse caso), por exemplo. Além desse "conceito" que ele elabora, o cenário educacional/institucional que ele mostra também suscita outras relações discursivas. E, por fim, *contar histórias com objetos* pode ser uma forma de estar com essa criança. Deligny (1949, p. 18) encerra o prefácio com um convite: "agora é a sua vez!"[10].



[10] O autor faz esse convite após apresentar tantos outros objetos que podem virar histórias. Mas como contar histórias, para o autor, é muito mais do que passar o tempo, esse convite abrange tudo isso. Ele convida o educador a desviar-se das práticas institucionalizadoras, a prestar atenção ao cenário educacional controlador, a escutar e validar a criança e a se manter inventivo e criativo.

11 de março de 2020: diário de uma vagabunda alfabetizadora[11]

Assim como a lua nova indica novos começos, e o tempo destila cada tique-taque, surge também este estudo sobre alfabetização em tempos de pandemia. Sei que, na ocasião, todos tiveram e ainda continuam tendo mais pressa e pressão. Sei que, com tanta aplicabilidade tecnológica e ligeireza, basta fazer toques nas telas, e tudo se resolve, né. E é de se estranhar que uma professora tenha tempo para fazer diário, em tempos "remotos". Talvez ele nunca seja lido do início ao fim, as imagens talvez sejam olhadas, mas será que serão vistas? Talvez ele não sirva para os apressados, mas, apesar disso, fiz um breve combate durante esse período. Decidi pesquisar, ao modo de diário de uma professora, os diários da jovem escritora Anne Frank (2018) e da artista plástica Frida Kahlo (2017).

Vagabunda 5 adj. 1. "Que vagabundeia; 2. Inconstante; 3. De qualidade inferior; 4. Reles, ordinário"; 5. Vadia.

"O que mostra uma dissertação ao modo de diário, agora, de uma professora vagabunda alfabetizadora que retalha atividades de alfabetização do ensino remoto em meio à pandemia da Covid-19?". Uma vagabunda alfabetizadora, na escrita, retalha atividades de alfabetização elaboradas por dez professoras do 1º ano do Ensino Fundamental da rede Municipal de Ensino da cidade de Veranópolis/RS. O diário toma como recorte temporal a pandemia da Covid-19, entre os anos de 2020 e 2021.

A vagabunda investiga mesmo em um cenário pandêmico. Não podíamos nos aglomerar. Houve reação no Brasil. Quando ouvi falar dos protocolos de segurança da volta à presença na escola, fiquei entre a risada e o desespero. O futuro estava estranho e mudava todo dia. O médico sempre foi legitimado, já a professora pouco escutada. Quando vai ser escutada a professorinha alfabetizadora?

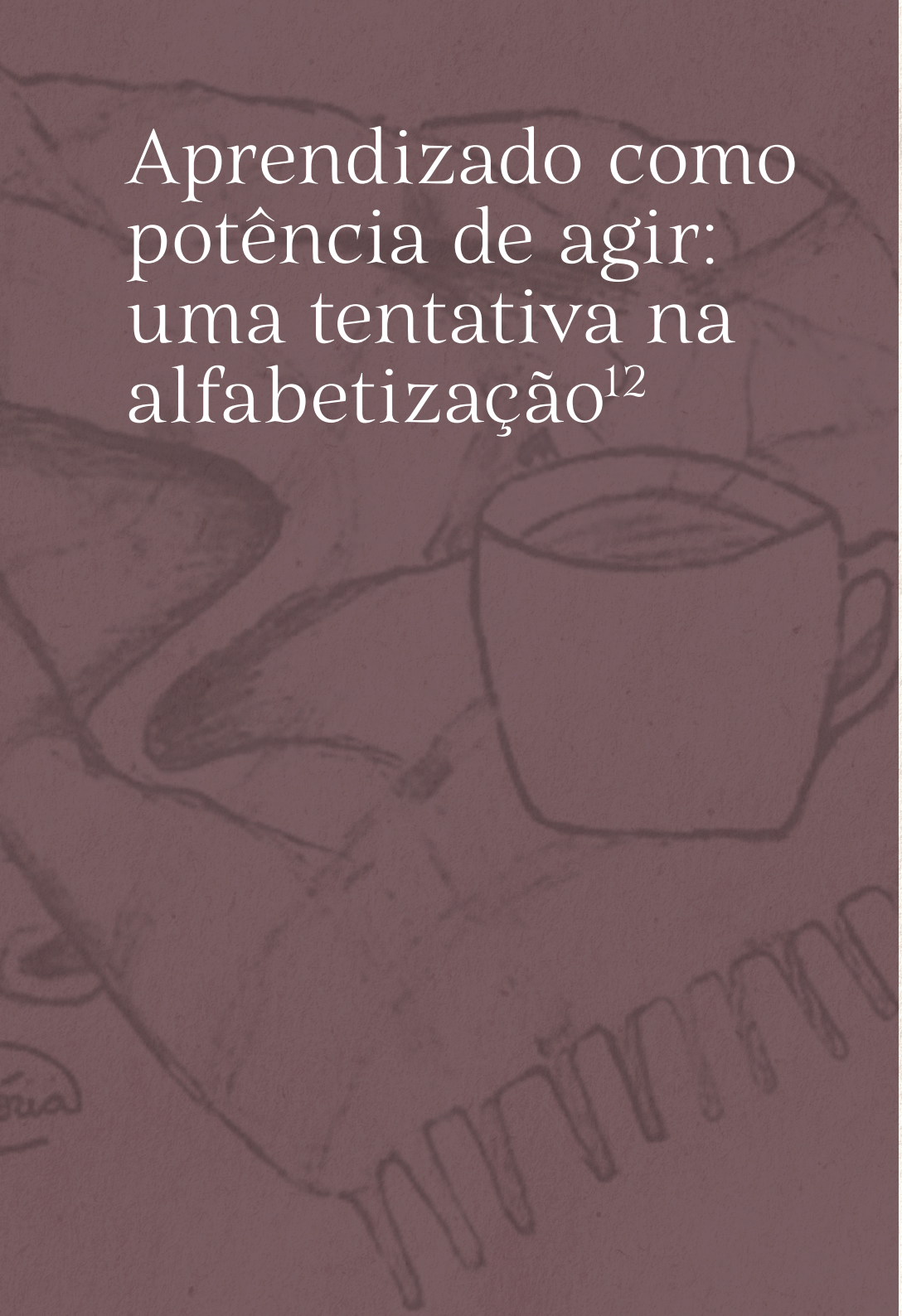
Retalhei por meses, lendo e vendo as imagens do diário de Frida Kahlo (2017), as aquarelas em que eu via luas em movimentos. Assim como os movimentos da lua, a vida da pesquisa também precisou seguir seu movimento. As ima-

[11] Este texto leva o mesmo título da dissertação de autoria de Cátia Marinello.

gens do diário eram a política em vida, aquela que descobri e inventei por meio dos retalhos para dar vida às luas e à escrita. A voz da pesquisadora, projetada, esboçada com a escrita que estava se construindo também por foto-colagens, a partir de fotografias desenhadas manualmente com giz pastel e borracha ou montadas por meio de recortes de revistas ou jornais.



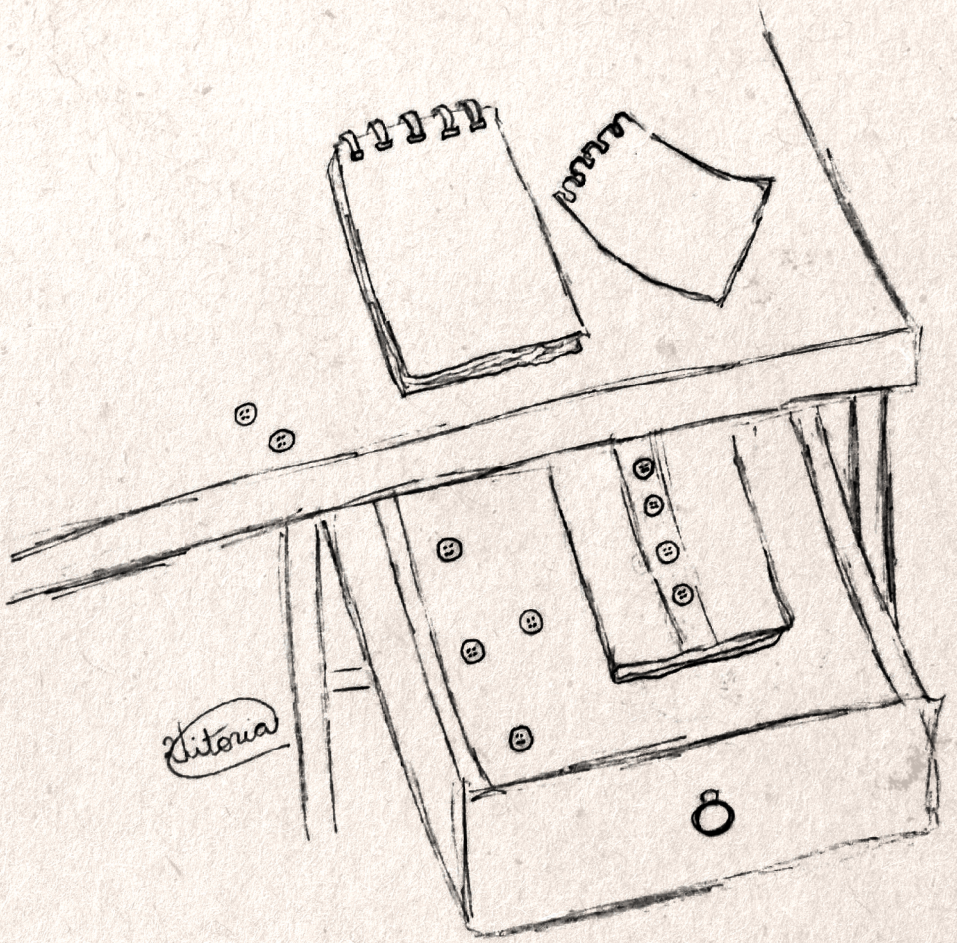
Aprendizado como potência de agir: uma tentativa na alfabetização[12]



EXPIRAÇÃO. Não pretendemos, neste texto, silenciar o que a aprendizagem, seus pensadores e sua história contribuíram para a educação, mas sim problematizar essas contribuições por meio do pensamento sobre a educação da pedagogia da diferença, a qual, como diz Matos (2009; 2014; 2017), atua como elemento perturbador, que faz pensar. Isso não significa exaltar, excluir, comparar ou classificar. **APRENDIZAGEM E AS PEDAGOGIAS DE ALFABETIZAÇÃO**. Há uma alfabetização "fora" dos postulados da representação, ou seja, das pedagogias alfabetizadoras. E esse lugar se aproxima ao sentido do aprendizado. **EXPANSÃO.** Por meio de um ensaio conceitual, a noção de aprendizado nos remete às experiências que os corpos carregam e arrastam dos encontros, no campo ético, como afirma Merçon (2009). Dele se retira o próprio encontro e o que pode o corpo diante do encontro, seja ele acaso ou não. A singularidade pode ter espaço quando os corpos são tomados pelo encontro de experimentações de modos de existência e multiplicidades com a leitura e a escrita, ou seja, com os signos alfabetizadores e com os significantes alfabetizadores. Nessa perspectiva, Deleuze (2002; 2019) diz que o aprendizado se dá na relação do signo com o encontro com o outro, citando o jogo de afecções de Spinoza (Deleuze, 2002). É necessário que o signo dos regimes linguísticos alfabetizadores, como a base alfabética, seja desligado da

[12] Este texto leva o mesmo título da dissertação de autoria de Fernanda Reginato Busato.

submissão à representação. O encontro das relações com os signos linguísticos, por acaso ou não, são liberados por meio das experimentações durante o processo que a escola denomina de alfabetização. Uma liberação da linguagem que apreende os sentidos do ato de ler e escrever por meio das afecções que aumentam e afirmam a vida. **TENTATIVA.** O sentido do aprendizado em alfabetização atravessa o ensino escolar, pois as experiências que os corpos carregam dos encontros – no jogo das afecções em alfabetização, o afetar e ser afetado – são ações que movimentam a potência dos corpos e produzem o aprendizado. O aprendizado que retiramos da leitura de Deleuze (2002; 2019) prioriza a ética do encontro dos corpos, que nunca param em modos de afecção. Os afetos movimentam a produção do sentido, diretamente tomado do encontro com os signos linguístico e extralinguísticos, oportunizando ora acaso, ora composições. Assim, abrem e estendem o corpo, ou seja, apreendem pelas experiências. Movimentam o que retiram (e são retirados); o que sofrem (e fazem sofrer); o que violentam (e são violentados); o que estranham (e são estranhados). Os corpos vibram, isto é aprendizado em meio a vida e pela ética.



Texto como escritura: conselhos em alfabetização[13]

Conselhos de um avô analfabeto para uma neta alfabetizadora. Tu que tá indo na escola lê pro vô?

Tempo em que as crianças ficavam no chão da sala brincando com seus brinquedos, numa realidade paralela ao universo dos adultos. Às vezes, os adultos entravam sem serem convidados e diziam: "Fica quieta um pouco!". Envolvida nesse ambiente, lembro de meu avô, lembro de suas pantufas de lã preta. Lembro de suas pernas gordas, de seu corpo grande sentado em uma cadeira de vime. Lembro desse período com afeto e ternura. Tenho a imagem desse senhor sentado na cadeira, dentro de uma casa branca de tijolos com reboco de cimento, feita por ele próprio, como um dia disse minha avó. Uma casa com quartos, salas, cozinha... todas as peças da casa eram grandes e espaçosas.

Mas a lembrança mais clara que tenho desse período é do meu avô, sentado em sua cadeira de vime com um jornal cobrindo-lhe o rosto. Ele o segurava numa postura imponente de gente importante, e não admitia ser incomodado ou que meu universo infantil interrompesse seu momento com o periódico. Um certo dia, ele próprio o interrompeu e disse: "Neguinha, tu que tá indo na escola, lê pro vô o que está escrito aqui". "Neguinha" era meu apelido quando criança. Naquele momento, me senti muito importante, pois meu avô tinha me permitido entrar no seu universo a partir da leitura. Alguns anos se passaram, e numa determinada ocasião, fui ao banco com os meus avós, não lembro bem para fazer o que, mas acho que era para sacar dinheiro para a reforma da casa. E o homem que trabalhava no banco pediu para o meu avô assinar um documento, eis que minha avó disse: "Ele é só com o dedo". Naquele dia, percebi que meu avô não sabia ler e escrever.

Recentemente em conversa com a minha avó, perguntei sobre o que ela sabia da vida escolar do meu avô. Ela contou que, segundo a mãe dele: "[...] não deu certo, foi uns dias e depois não foi mais, não conseguia aprender [...]". Considerando a data de nascimento dele, 30 de janeiro de 1932, esse episódio aconteceu na década de 1940. Período em que, segundo estudos já levantados para esta pesquisa, é provável que sua alfabetização tenha sido influenciada pelos primeiros métodos

[13] Esse texto leva o mesmo título da dissertação de autoria de Alice Virgínia de Oliveira Pacheco.

utilizados no Brasil, sintético ou analítico; quando o estudo da língua era feito mediante exercícios orais exaustivamente repetidos e com a utilização de recursos escritos e visuais que não se relacionavam com o cotidiano. Quando adulto, tentou mais uma vez, frequentou o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e novamente não conseguiu se alfabetizar. Contudo, conseguiu da escola o que precisava dela, assinar o próprio nome e pegar o diploma, como disse minha avó.

Hoje, consigo entender a força daquele ato de ler o jornal para o meu avô. Primeiro no que diz respeito ao valor que ele atribuía à leitura, que, mesmo não sendo alfabetizado, sabia do empoderamento que isso dava às pessoas, por isso fingia que lia, mesmo sem saber ler. E, na angústia de querer muito saber o que estava escrito embaixo de uma foto de jornal, pediu para sua neta ler para ele. Naquele instante, ele me autorizou a entrar, a partir de um texto de jornal, nesse universo. Mediante essa atitude, me ensinou a importância e o valor que a leitura representa na vida das pessoas.

Por último, nesse breve relato da minha infância, podemos ver representados vários conceitos de alfabetização no que diz respeito ao letramento, à leitura significativa, ao universo letrado, ao contexto que favorece a aquisição da leitura e da escrita. Essa experiência, proporcionada por um avô analfabeto – um avô que é presença ficcional, conselheiro da sua neta alfabetizadora –, torna-se uma inventiva pesquisa, que tem como ponto de partida Conselhos inspirados na vivência de uma neta com o avô analfabeto.

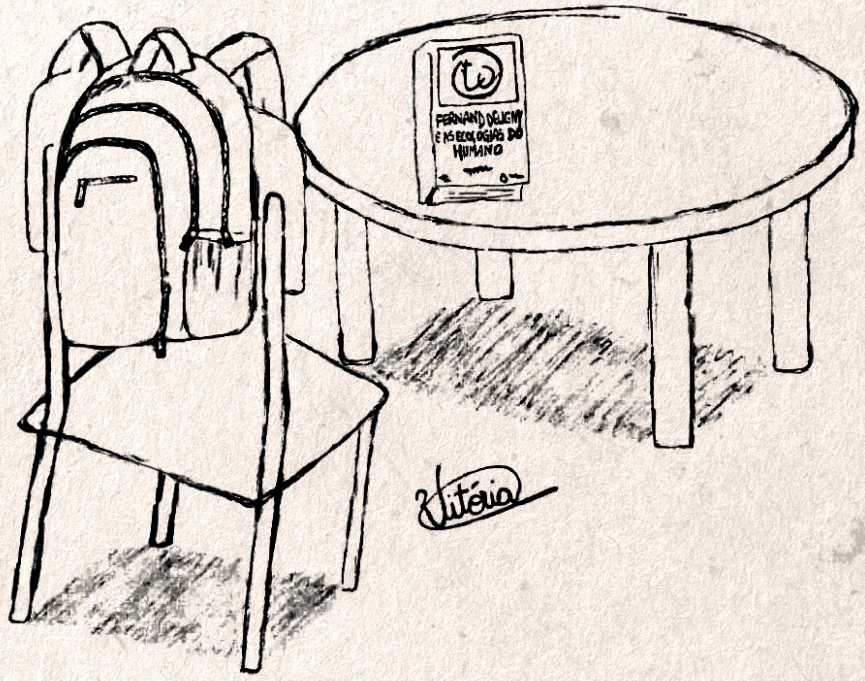
Surge então, o problema de pesquisa: por que problematizar o texto na alfabetização na função escolar, nas práticas sociais e na escritura no 1º ano do Ensino Fundamental? Essa investigação tem a intenção de problematizar o texto na alfabetização e pensar sobre sua função escolar e prática social pela escritura.

Conselho 1

Professora, como eu tenho percebido em meus estudos, as teorias pedagógicas do construtivismo vieram para romper com 100 anos de leitura escravizada de textos utilizados para uso escolar crivada na cópia e na repetição. Com certeza essa fissura foi o ganho do século em alfabetização. Porém, as heranças psicogenéticas enraizadas na psicologia levaram para a alfabetização testes de escrita que, se mal utilizados, podem novamente aprisionar o pensamento. Por isso, meus conselhos são: liberar as crianças para escreverem porque querem e porque se sentem capazes; proporcionar a escrita pela escrita de textos, nem tudo precisa ser classificado e posto em categorias de gêneros textuais; e, por fim, olhemos para a escrita da criança com mais leveza.

Conselho 2

Professora, percorre dois anos de leitura e escrita, para, ao fim desse tempo, tentar entender como a escritura (Barthes, 2004; 2017; 2020) pode ser possível na alfabetização. Mas posso me arriscar a deixar alguns conselhos depois de ter tentado, na dissertação e em sala de aula, fazer a escritura. Os conselhos são: leia o texto de uma criança de forma inclassificável, pois ele é a expressão de uma vida; valorize os processos criativos ao invés de só querer colocar as produções das crianças dentro de modelos de ensino estruturados; e, por fim, use a escrevivência para subvertê-la e fazer dela um instrumento de criação.



Cenas alfabetizadoras[14]

Cena 1 – Criançamento das palavras

Ela, a professora que faz esta cartografia de cenas pela alfabetação[15], aparece atravessada pela vida de uma cidade com descendência italiana, alemã, polonesa e, de uns tempos para cá, de inúmeras partes do país e do mundo. A cidade é considerada por alguns políticos como a Capital Nacional do Basalto, e, nela, há anos, sentiam-se tremores de terra. Uma cidade para a qual as pessoas de fora vêm para apreciar os 37° das águas termais, uma cidade em que, há poucos anos, um homem foi assassinado em plena praça, onde, no dia seguinte, pessoas passavam e crianças brincavam. Uma cidade que é palco do Festival Internacional do Folclore e que, no ano de 2022, ficou pelo terceiro ano consecutivo como melhor festival do mundo devido à edição de 2021, a qual, em consequência da pandemia de covid-19, foi gravada em uma pedreira.

Ela, a professora, trabalha em uma cidade vizinha, também com descendência italiana, que recebe o título de Berço Nacional da Maçã e Terra da Longevidade, cidade em que outrora havia uma "rivalidade" com a cidade onde ela mora. Esse município também é composto de descendentes de outros povos, como afrodescendentes, indígenas e ciganos, mas essas histórias e culturas ainda não são narradas na região.

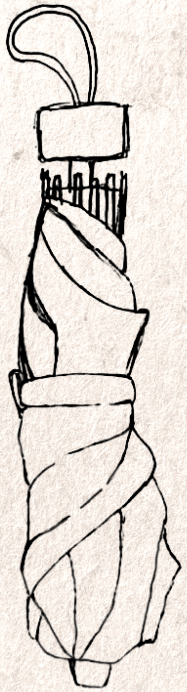
Ela, a professora, atua na alfabetização em uma escola municipal, foi nomeada por concurso público, é de classe média e privilegiada por ter nomeação e regime suplementar em escola de Educação Infantil, contando 44 horas de trabalho semanais. Nesse inventar[16] escritas de cenas de sala de aula de alfabetização, ocorre a tentativa de dar "criançamento" (Barros, 2016).

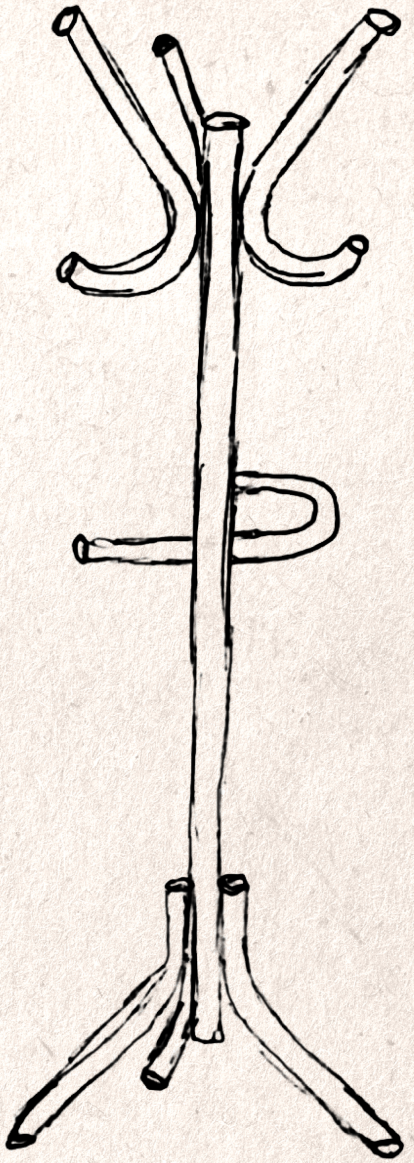
Cena 2 – Porta

As cenas de alfabetização se constituem em caminhadas, se ligam, se cruzam como linhas, como caminhos, um descortínio (Barros, 2016) para o estranho. Para iniciar, é importante ponto de partida a porta que lança a pesquisadora alfabe-

[14] Este texto leva o mesmo título da dissertação de autoria de Marlí de Conto.
[15] O método cartográfico leva o nome "alfabetação", sendo o termo a ação de escrever cenas de alfabetização.
[16] Ela usa "inventar escritas de cenas", porque, ao longo do texto, encontram-se cenas que são reais e outras de autoria da pesquisadora, criadas com possibilidades de alfabetizações.

tizadora ao desconhecido. **Ela** caminha para encontrar os braços em abraços da mãe, quando tropeça em uma pedra e prende o pé num buraco. É a entrada da toca de ratão do banhado, escondida, camuflada entre as folhas. No subsolo, o caminho dessa toca se cruza com caminhos iniciados em outras portas. As tocas são diferentes umas das outras, são singulares e únicas, como as cenas escritas.





Na alfabetização: o que dizem as crianças negras sobre a Negritude[17]

Quando nos propusemos a pesquisar e escrever a dissertação intitulada *Na alfabetização: o que dizem as crianças negras sobre a Negritude*, queríamos o desenrolar de uma pesquisa em que a escuta não corresse o risco de categorizar modos de expressões ou de um dizer adulto que falasse pelas crianças. O desafio assumido foi de colocar o próprio modo de investigar sob suspeita. Assumimos então a necessidade de descolonizar o próprio olhar do pesquisador, desnudando-se diante do leitor ao contar as próprias experiências de racismo, assumindo um método cartográfico da negritude e despindo-se de ferramentas capazes de fechar precocemente as experiências das crianças negras.

Toda vez que me deparo pensando sobre o que escrever a dissertação de mestrado realizada, lembro da menina Marie, haitiana, que, junto de seus colegas Pierre e Jean, também de origem haitiana, compuseram um dos cinco ateliês-negritude, efetivados como parte do método da pesquisa de mestrado. Nesta escrita especialmente para compor este catálogo, evoco o grito de Marie, manifestado no ateliê-negritude.

Escrever com Marie é ecoar um grito de insubmissão de uma criança negra que recusa ser reduzida ao estatuto de coisa. Um manifesto de resistência expressado no ateliê-negritude, e que tensionamos a partir de Fred Moten (2023), que, em sua obra *Na quebra*, analisa o manifesto da pessoa escravizada pela expressão vocal de dor. Uma expressão que ecoa, é a resistência de uma subjetividade que não se deixa capturar.

Ao analisar o grito que irrompe da violência escravocrata, Moten (2023) argumenta que a resistência da pessoa escravizada se manifesta justamente a partir dessa expressão vocal de dor que desloca a lógica ocidental e o estatuto de mercadoria imposto pela branquitude. Para Moten (2023), esse grito é o marco inaugural de uma resistência que ecoa, posteriormente, na própria base da música negra.

Ao gritar “Não sou negro. Negro é pobre”, Marie está associando o nome negro à dor histórica da espoliação capitalista e à sua vinculação com a pobreza, destino certo da pessoa

[17] Este texto leva o mesmo título da dissertação de autoria de Agenor Lopes Filho.

negra. O grito de Marie, expressado no ateliê-negritude, passa a ser a recusa a ser coisa e a inscreve como uma criança negra que reivindica o seu lugar no espaço escolar. A recusa não está na cor da pele, no cabelo ou na cultura negra, mas no significante "negro" como sinônimo de ausência, conforme projetado pela branquitude.

O grito da menina Marie não rejeita a si mesma. Rejeita esse espelho distorcido que a branquitude lhe apresenta como destino ciclicamente reproduzido pelo sistema escolar, uma sincope que ecoa como antinormatização do processo esperado no espaço escolar de normatizar sua identidade negra associando-a à miséria.

Ecoar o grito de Marie é transgredir por meio da escrita. O corpo negro não se resume a um espaço de dor e vulnerabilidade, nele reside uma força que a desenha como criança negra insubmissa, no espaço escolar que reproduz certos estereótipos imputados às pessoas negras pelo racismo estrutural.

Fazer ressoar a pesquisa de mestrado a partir deste catálogo é assumir um compromisso para com os seus achados, garantindo que os manifestos das crianças negras e suas contribuições para a pesquisa não permaneçam restritos ao repositório da universidade. Para além desse lugar, ansiamos que ressoem como provocações e compromissos pedagógicos para que outras crianças negras possam escrever suas próprias experiências.



Professora fala, professora escreve!

Alfabetização, formação docente e políticas públicas: experiências e problematizações a partir da docência e da formação de professoras alfabetizadoras

Minha trajetória profissional tem sido marcada pela atuação em dois espaços que se atravessam constantemente: a sala de aula, como professora alfabetizadora, e os processos de formação continuada, como professora formadora de alfabetizadoras. Transitar entre esses lugares possibilitou acompanhar não apenas as aprendizagens das crianças, mas também os movimentos pelos quais as professoras produzem saberes sobre a alfabetização e sobre si mesmas como profissionais da educação.

Como afirma Foucault (2008), governar não significa apenas dirigir os outros, mas também conduzir condutas e produzir determinadas formas de relação consigo mesmo. Nessa perspectiva, a docência pode ser compreendida como um processo permanente de constituição de si, atravessado por discursos, práticas e políticas educacionais.

Nos últimos anos, programas como o Alfabetiza Tchê e o Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil (ProLEEI) passaram a compor o cenário das políticas públicas voltadas à alfabetização no Rio Grande do Sul. Eles oferecem referenciais teóricos, materiais pedagógicos, propostas de acompanhamento das aprendizagens e espaços de formação continuada, constituindo importantes estratégias para a qualificação da educação.

Entretanto, para além de seus objetivos explícitos, tais políticas também produzem modos específicos de pensar a alfabetização, a infância, a aprendizagem e a docência. Nesse sentido, este texto busca refletir sobre minha experiência como professora alfabetizadora e formadora, problematizando os efeitos das políticas públicas na constituição das práticas docentes e dos processos de subjetivação das professoras.

Entre a experiência da alfabetização e a produção da docência

A experiência na alfabetização ensina que não existe um caminho único para a aprendizagem da leitura e da escrita. Cada criança estabelece relações singulares com a linguagem, produz hipóteses, constrói significados e percorre trajetórias que frequentemente escapam às expectativas previamente definidas pelos currículos e planejamentos.

A experiência é "aquilo que nos passa, ou que nos acontece, ou que nos toca" (Larrosa, 2002, p. 21). Pensar a alfabetização como experiência implica reconhecer que os processos de aprendizagem não podem ser reduzidos a sequências lineares ou resultados previamente determinados, pois envolvem encontros, afetos e produções singulares de sentido.

Essa compreensão desloca a alfabetização de uma perspectiva exclusivamente técnica para entendê-la como uma prática social, cultural e política. Mais do que ensinar um código linguístico, alfabetizar significa possibilitar a inserção das crianças em práticas de leitura e escrita que produzem sentidos sobre si mesmas e sobre o mundo.

Ao mesmo tempo, a própria professora alfabetizadora é continuamente produzida por discursos pedagógicos, orientações curriculares, avaliações, formações e políticas educacionais. Nesse processo, não apenas ensina, mas aprende a ocupar determinadas posições profissionais, assumindo responsabilidades, metas e expectativas construídas socialmente.

A partir das contribuições de Michel Foucault, pode-se compreender que a docência não é uma identidade fixa, mas uma construção histórica atravessada por relações de saber e poder. Tornar-se professora alfabetizadora implica participar de práticas que orientam modos de agir, pensar e conduzir a si mesma e aos outros.

A formação continuada como espaço de produção de subjetividades

A experiência como formadora de alfabetizadoras permitiu perceber que os espaços de formação continuada são muito mais do que momentos de atualização pedagógica. Eles constituem lugares de circulação de discursos, compartilhamento de experiências e produção de modos de compreender a profissão docente.

Para Nóvoa (1992), a formação não se constrói por acumulação de cursos ou técnicas. Ela é composta por meio de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente da identidade profissional. Tal compreensão reforça a importância de espaços coletivos de diálogo e problematização da docência.

Nos encontros formativos, as professoras narram suas práticas, analisam desafios, refletem sobre os resultados das aprendizagens e confrontam diferentes perspectivas teóricas. Nesse movimento, constroem conhecimentos e elaboram modos de se reconhecerem como profissionais responsáveis pela garantia do direito à alfabetização.

Sob uma perspectiva pós-estruturalista, a formação pode ser compreendida como uma tecnologia de governo. Não no sentido de controle ou imposição, mas como um conjunto de estratégias que orientam condutas e produzem determinadas racionalidades sobre o ensinar e o aprender.

Ao participar desses processos, as professoras são convidadas a observar suas práticas, analisar dados, monitorar resultados e revisar continuamente suas ações pedagógicas. Produz-se, assim, uma docência reflexiva, permanentemente mobilizada a aperfeiçoar-se e a responder às demandas educacionais contemporâneas.

Alfabetiza Tchê, ProLEEI e os modos contemporâneos de governar a alfabetização

As políticas públicas de alfabetização podem ser compreendidas como importantes mecanismos de garantia do direito à educação. Contudo, também podem ser analisadas como dispositivos que organizam formas específicas de compreender os processos educativos.

O Programa Alfabetiza Tchê, ao enfatizar o acompanhamento das aprendizagens, a formação continuada e a utilização de indicadores educacionais, por um lado, fortalece uma racionalidade que busca tornar os processos de alfabetização cada vez mais visíveis, mensuráveis e monitoráveis. Nesse contexto, a avaliação assume papel central na produção de informações sobre estudantes, professores e escolas. Por outro lado, também cria oportunidades para o fortalecimento das redes de colaboração entre professores, ampliando espaços de reflexão sobre as práticas pedagógicas e favorecendo a construção coletiva de conhecimentos.

O ProLEEI, por sua vez, amplia o debate ao reconhecer a Educação Infantil como etapa fundamental para a constituição das experiências das crianças com a linguagem. Ao valorizar a literatura, a oralidade, as interações e a brincadeira, contribui para deslocar a compreensão da alfabetização para além da aprendizagem formal do sistema de escrita.

Sob essa perspectiva, ambos os programas participam da produção de determinados regimes de verdade sobre a alfabetização. Definem prioridades, estabelecem referenciais, legitimam práticas e orientam modos de atuação docente. Ao mesmo tempo em que oferecem suporte às professoras, também produzem expectativas acerca do que significa ser uma boa alfabetizadora e garantir resultados considerados desejáveis.

Conforme Foucault (2008), as formas contemporâneas de governo operam menos pela imposição direta e mais pela condução das ações dos sujeitos. Nessa lógica, as políticas educacionais produzem condições para que professores e gestores passem a regular suas próprias práticas a partir de determinados indicadores, metas e expectativas de desempenho.

Considerações finais

A experiência de atuar como professora alfabetizadora e formadora evidencia que a alfabetização é atravessada por múltiplos discursos, saberes e relações de poder. As políticas públicas ocupam lugar relevante nesse processo, não apenas por oferecerem recursos e formação, mas por participarem da produção de modos de pensar e exercer a docência.

Programas como o Alfabetiza Tchê e o ProLEEI têm contribuído significativamente para ampliar os debates sobre alfabetização e qualificar as práticas pedagógicas. Entretanto, sua importância também pode ser analisada a partir dos efeitos que produzem na constituição das professoras e das próprias concepções de alfabetização que circulam nas escolas.

Ao revisitar minha trajetória profissional, compreendo que a formação docente e a alfabetização constituem processos inacabados, marcados por deslocamentos, aprendizagens e reinvenções permanentes. Mais do que aplicar métodos ou cumprir metas, alfabetizar implica participar da construção de experiências que transformam crianças, professoras e escolas. É nesse movimento que a docência se constitui como prática ética, política e formativa, sempre aberta a novas possibilidades de pensar e viver a educação.

Afinal, como nos lembra Larrosa (2002, p. 24), "o sujeito da experiência é um sujeito aberto à sua própria transformação". Talvez seja justamente nessa abertura ao encontro, ao inesperado e à aprendizagem permanente que resida uma das maiores potências da alfabetização.

Caren Cristina Sasset

Quantas histórias cabem em uma sala de aula?

> Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes (Kilomba, 2021, p. 27).

Os silenciamentos que atravessam vidas desde muito evidenciam uma epistemologia que ignorou o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento. Quais foram as consequências de tal descontextualização na educação? Hoje é possível funcionar a partir de outras epistemologias e não apenas da que foi tomada como possibilidade de produção de verdades absolutas, estruturada em um binarismo eurocêntrico? A lógica posta determina quem pertence e quem é marginalizado, forjando um mundo exclusivo para uma minoria privilegiada, em detrimento de pessoas que tem localização geográfica, raça e voz bem definidas.

O escrito tem o propósito de compartilhar as percepções de uma professora de Educação Básica que transita pelos espaços educacionais no território. E, também, problematizar o cotidiano escolar a partir da identificação dos silenciamentos e apagamentos históricos postos com normalidade nos currículos e estruturas das unidades escolares a partir de algumas questões, a saber: quais são as vozes que ecoam nos tempos e espaços escolares? O que a escolha de um modelo epistemológico vem produzindo nos espaços escolares? O que as paredes contam? Que histórias escolhemos narrar?

Na definição dos tempos e espaços escolares, nas conversas dos corredores, nas confluências com estudantes e professores, fica nítido que o convite para produção de imaginários é escasso. Os convites para pensar outras possibilidades de mundos não habitam os tempos e espaços escolares. E, ao mesmo tempo, acessa a escola todos os dias pelo portão da frente. *A escola torna-se lugar de aprender matemática e português.* Mas e o desejo pelo encontro? O encontro de mundos, o encontro com o outro, o encontro com a diferença, o encontro com a aprendizagem, o encontro consigo e com a sua ancestralidade. Encontros que tornam possível a complexa experiência de aprender. Quem produziu os mapas que fundamentaram as *ensinagens e aprendências*? Como discutimos e construímos possibilidades com envolvimento?

Tantas e outras questões podem ser postas, contudo, talvez, a principal delas consista no reconhecimento que fomos e somos subjetivados por uma educação colonialista. Reconhecer que nosso pensamento foi e ainda é colonizado por valores, modos de ser e pensar que se fundamentam num modelo eurocêntrico, é urgente. Discutir o caráter colonial da educação na modernidade exige estarmos atentos a algumas distinções. Por mais que num primeiro contato com os termos colonialismo e colonialidade possa parecer que os dois se refiram ao mesmo processo, há diferenças. Para Nelson Maldonado-Torres (2007), o colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, o que constitui a tal nação em um império. Diferentemente dessa ideia, a colonialidade refere-se a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas que, em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se refere à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, a partir do mercado capitalista mundial e da ideia de raça, subjetivando a existência de um determinado povo, que por vezes é tomado como subalterno – o que os números estatísticos deixam claro. Dessa forma, embora o colonialismo preceda a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo (Maldonado-Torres, 2007).

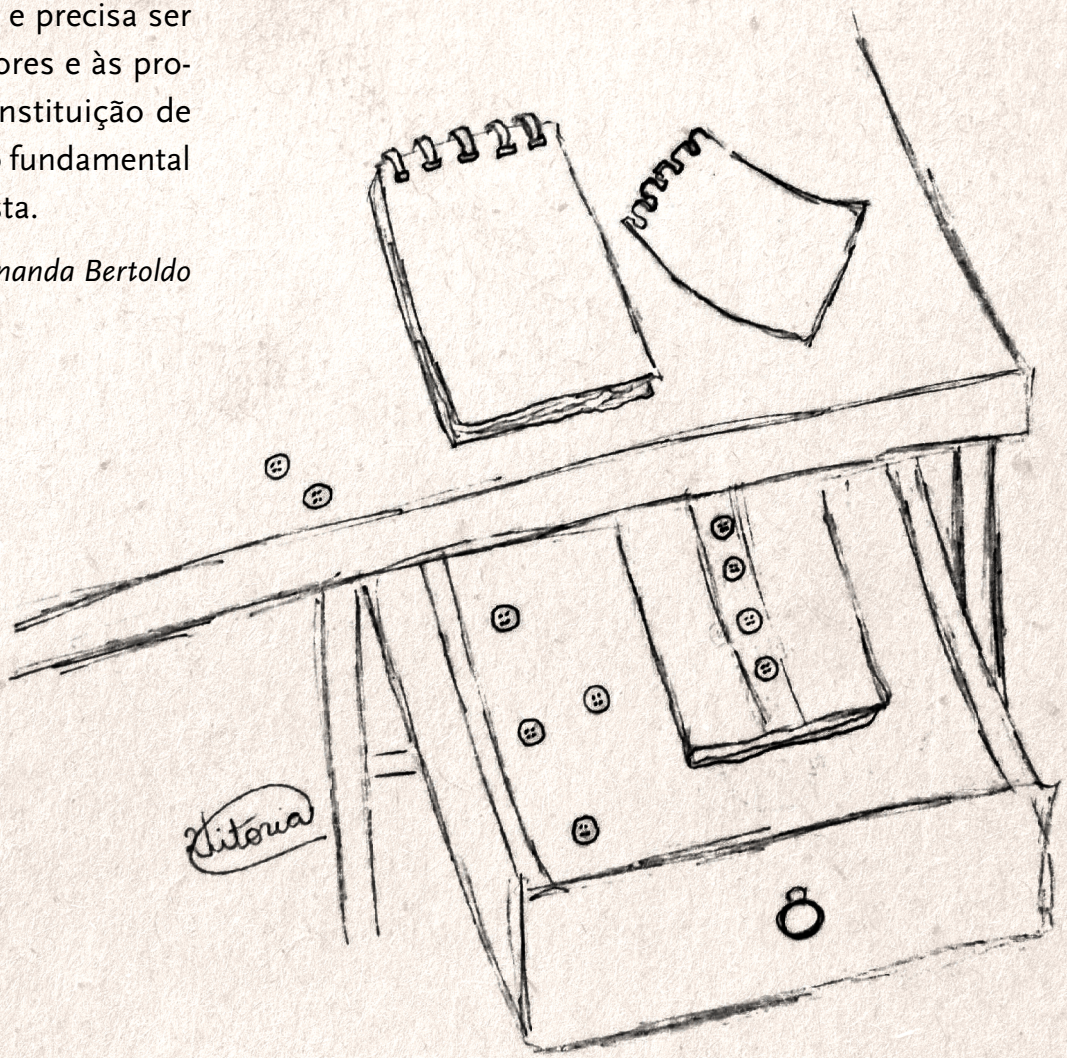
Já a decolonialidade tem por objetivo romper com os processos colonialistas que produzem nossas subjetividades, por meio do reconhecimento da produção dos saberes no/do sul global, validando-os e produzindo outras possibilidades de pensar o mundo. Sem descartar e/ou desprezar o que também nos constitui, coloca todos os saberes em um mesmo lugar de importância.

Segundo Grada Kilomba (2021), é necessário lembrar da importância de um percurso de conscientização coletiva, pois uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens e possibilidades sejam criadas. Tampouco permite a criação de novas configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento*: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem?*

A escola é por excelência a instituição que pode (deve, na verdade, por força da Lei) construir esse diálogo. Quem produz e qual é a ambiência das salas? Que convites ela faz? Na *curadoria* de uma aula, uma escolha simples pode mobilizar os conhecimentos, que literaturas apresento? Quais as histórias e culturas representam? Ou, quem sabe, em uma pesquisa interdisciplinar, conhecer um pouco mais sobre os cotidianos da comunidade na qual a escola está inserida.

Essas são articulações possíveis, necessárias e potentes. Com pequenas brechas no modo como produzimos conhecimento, podemos, juntos, romper com o mito da democracia racial que foi normatizada no Brasil há muitos anos e precisa ser revisitado e desfeito. Assim, cabe aos professores e às professoras essa tarefa, já que a escola é uma instituição de passagem obrigatória e, assim, torna-se um elo fundamental para a construção de uma sociedade antirracista.

Fernanda Bertoldo



Posfácio

O catálogo *O que dizem as pesquisas e as alfabetizadoras sobre a alfabetização* faz jus à frase de Gilles Deleuze (2016) – um pouco de possível, senão eu sufoco –, uma vez que nele se fazem presentes crianças, professoras e pesquisadoras que se dedicaram ao aprendizado da leitura e da escrita para além de atos mecanizados, como indicavam os modos de governo das sociedades fordistas. O documento registra, de forma argumentativa e investigativa, as possibilidades de ler e escrever como atos estéticos e políticos, díspares da sociedade da performance do capitalismo financeirizado e de suas modulações por meio das avaliações em larga escala. Nas aberturas do possível, ler aparece na potência da significação da palavra bicicleta: para além da soletração, surge como uma agência do saber. Isso funciona como diz Foucault (2016, p. 79): "deixou de ser, a partir de certo momento, uma relação puramente passiva de saber e memória; tornou-se uma relação ativa, prática, e, por isso mesmo, uma relação obscura e profunda entre a obra e a própria linguagem". É isso que vemos em diferentes momentos do documento: no chamamento da memória das professoras intelectuais que se dedicaram a pesquisar o aprender com as crianças; na beleza dos vinte e três aforismos que capturam a leitura e nutrem a vontade de potência de uma professora alfabetizadora e pesquisadora como eu. Cada um deles representa uma pista contínua para descolonizar a alfabetização.

As narrações trazidas pelas pesquisas investem na singularidade das tentativas: seja pela prevalência das relações com os objetos inertes; seja pela coragem de assumir-se como uma professora vagabunda, que refrata o governo pela eficiência e pela eficácia ao extravagar com as crianças pela leitura e pela escrita; seja pela negritude, que surge como noção habitada pelos sujeitos da pesquisa; seja, ainda, pela delicadeza da neta alfabetizadora na relação com a abundância do ser do avô, alfabetizado em tantos saberes.

Por fim, considero o presente dossiê um ato de resistência contra tantas instrumentalizações da relação entre leitura e escritura pelos interesses hegemônicos. Como lembra Simone Weil, ao tratar do avanço do maquinismo sobre o poder inventivo dos tecelões: "foi assim que um dos primeiros progressos a abrir caminho para o maquinismo consistiu em dispensar o tecelão de adaptar a escolha dos fios a puxar sobre seu tear segundo o desenho da fazenda, dando-lhe um cartão furado cujos buracos correspondem ao desenho" (Weil, 1996, p. 293). Quando as pesquisas e as alfabetizadoras tomam a palavra, o que vemos é a teimosia de criar os próprios fios e desenhos, exercendo o direito à autoria docente em seu estado mais bruto e convidativo. Trata-se de um convite a rejeitar o cartão furado das políticas para a educação e a inventar, com os cotidianos, a riqueza do saber-fazer. Aqui, com vocês, é onde me alinho.

Luciana Pires Alves (UERJ)

Referências

ALVES, Janete Fassini. *Implicações do processo de alfabetização na formação do leitor competente*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006.

BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. São Paulo: Alfaguara, 2016.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2017.

BARTHES, Roland. *O grão da voz*. Tradução de Mário Laranjeiras. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERNARDI, Manuela Ciconetto. *Práticas de escrita e leitura por imigrantes e descendentes, da península itálica à Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (1875-1920)*. 2025. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2025.

BUSATO, Fernanda Reginato. *Aprendizado como potência de agir:* uma tentativa na alfabetização. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.

CELLA, Sirley Morello. *Letramentos em diálogo com o acervo do pacto nacional pela alfabetização na idade certa:* uma ampliação da experiência com linguagem. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

CHAGAS, Mário. Museus e patrimônios: por uma poética e uma política decolonial. *Museologia Social e Ecomuseus em Portugal*, [20--]. Disponível em https://ecomuseus.wordpress.com/processos-museologicos-participados-na-lusofonia/brasil-processos-museologicos-participados/museus-e-patrimonios-por-uma-poetica-e-uma-politica-decolonial/. Acesso em: 29 set. 2022.

CORAZZA, Sandra Mara (org.). *Métodos de transcriação:* pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: Oikos, 2020.

COSTA, Cristiano Bedin da. Docência, pesquisa e apropriação: montagem de um método não original. *In*: CORAZZA, Sandra Mara (org.). *Métodos de transcriação:* pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: Oikos, 2020. p.87-114.

DALSOTTO, Mariana Parise Brandalise. *Círculos de cultura no Rio Grande do Sul:* um movimento de alfabetização realizado a partir de Paulo Freire (1963-1964). 2022. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2022.

DE CONTO, Marli. *Cenas alfabetizadoras*. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2024.

DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza: EdUECE, 2019.

DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucura:* textos e entrevistas (1975-1995). Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa:* filosofia prática. Tradução de Fabier Lomba. São Paulo: Escuta, 2002.

DELIGNY, Fernand. *Les enfants ont des oreilles*. Paris: Le Chardon Rouge, 1949.

ENCONTRO DAS LICENCIATURAS DA REGIÃO SUL, 5., 2026, Caxias do Sul. *Anais* [...]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2026.

FOUCAULT, Michel. *A grande estrangeira:* sobre a literatura. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Tradução de Alves Calado. 75. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

GRADA, Kilomba. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo:* um autorretrato íntimo. Tradução de Mário Pontes. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

LIMA, Itaise Moretti. *O docente dos anos iniciais do ensino fundamental e suas concepções sobre alfabetização e letramento*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

LONGHI, Nicole Martini. *Produção de subjetividade na alfabetização:* o ICMS educacional. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2025.

LOPES FILHO, Agenor. *Na alfabetização:* o que dizem as crianças negras sobre a negritude. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (ed.). *El giro decolonial:* reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-168. Disponível em: http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf. Acesso em: 17 out. 2017.

MARINELLO, Cátia. *11 de março de 2020:* diário de uma vagabunda alfabetizadora. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Diga-me: o que vale?. *Revista ALEGRAR*, n. 20, p. 95-104, dez. 2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1t1lpELH79fCeOCJh8wYG5Dl5fRGQp300/view. Acesso em: 2 jul. 2026.

MATOS, Sônia Regina da Luz. *Procedimentos de escritura e afectologia na alfabetização de crianças:* abordagens cruzadas entre a filosofia da diferença e a psicologia intercultural. 2014. Tese (Doutorado cotutela) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, Brasil; Université Lumière Lyon 2, École Doctorale Education, Psychologie, Information et Communication 485, Lyon, France, 2014.

MATOS, Sônia Regina da Luz. *Alfabetização e escritura*. Caxias do Sul: Educs, 2009.

MERÇON, Juliana. *Aprendizado ético-afetivo:* uma leitura spinozana da educação. Campinas, SP: Alínea, 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: Unesp, 2000.

MOTEN, Fred. *Na quebra:* a estética da tradição radical preta. Tradução de Matheus Araujo dos Santos. São Paulo: Crocodilo: N-1 edições, 2023.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, António (org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PACHECO, Alice Virgínia de Oliveira. *Texto como escritura:* conselhos em alfabetização. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SASSET, Caren Cristina. *Práticas discursivas e subjetivação:* constituindo professores + alfabetizadores. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2017.

STAKE, L. J. D.; RUVER, V. S.; FERRARI, L. Fernand Deligny e as tentativas de contar, camerar e traçar. *In*: COLÓQUIO DE EDUCAÇÃO DISCENTE, 10., 2025. *[Anais do] X CEDU & II CINED:* X Colóquio de Educação Discente & II Congresso Internacional de Educação: mundos em pesquisa: educação e conexões. Caxias do Sul: Educs, 2025. [*E-book*].

ZANOLLA, Taciana. *Processos de alfabetização em livros didáticos de 1º e 2º anos do ensino fundamental – PNLD 2019*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Tradução de Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Biodatas

Nicole Martini Longhi. Professora alfabetizadora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Assessora Pedagógica dos Projetos de Alfabetização e Letramento na Secretaria Municipal da Educação de Caxias do Sul (SMED). Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), na Linha de Pesquisa História e Filosofia da Educação, com bolsa CAPES/PROSUC. Especialista em Psicomotricidade Relacional. Pedagoga. Membro do Grupo de Pesquisa Pedagogia Crítica e Clínica da Diferença. Pesquisa as políticas educacionais para alfabetização.

Vitória Santos Ruver. Educadora da Rede Municipal de Garibaldi. Atua em uma turma de berçário. Mestranda em Educação na Universidade de Caxias do Sul (UCS), na Linha de Pesquisa História e Filosofia da Educação. Bolsista UCS. Pedagoga. Membro do Grupo de Pesquisa Pedagogia Crítica e Clínica da Diferença. Pesquisa sobre a criança em obras de Fernand Deligny.

Agenor Lopes Filho. Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Especialista em Treinamento Desportivo pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Licenciado em Educação Física pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Atuou como orientador do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio pela 16 Coordenadoria Regional de Educação, na Escola Mestre Santa Bárbara, durante o ano de 2014. Foi vice-diretor na Escola Mestre Santa Bárbara de 2016 a 2018. Foi assessor pedagógico de Educação Física e esporte escolar na 16 Coordenadoria Regional de Educação de 2022 a 2024. Tem experiência na área de Educação Física e gestão escolar. Atualmente é professor de Educação Física na Escola Mestre Santa Bárbara e Escola SESI de Ensino Médio.

Sônia Regina da Luz Matos. Alfabetizadora. Professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Investe em pesquisa com foco nas políticas de *literatura-se*, em meio à uma pedagogia, clínica e crítica e diferença. Alfabetização e *literatura-se* são sinônimas do agir em meio aos gestos da potência mínima de um corpo que lê e escreve, pelas criações de circunstâncias dadas pelo risco da experiência – vida.

Caren Sasset. Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestra em Educação pela UCS. Atualmente é assessora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Atua principalmente nos seguintes temas: alfabetização, letramento, Educação Infantil, avaliação, políticas públicas, infâncias.

Fernanda Bertoldo. Graduação em Pedagogia e em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Especialização em Formação para Educação a Distância (UCS) e em Educação e Cultura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Mestrado em Educação (UCS). Professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Formadora da Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ).

Luciana Alves Pires. Professora e pesquisadora na Educação Básica do Município de Duque de Caxias, além de atuar no Ensino Superior na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FEBF). Tem interesse em discutir e reinventar o mundo com crianças nos diversos cotidianos dentro e fora das escolas, especialmente em regiões marcadas pela pobreza, como a Baixada Fluminense (RJ), onde desigualdades são produzidas e enfrentadas. No Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC), com Mestrado Acadêmico, credenciado pela Capes, é docente na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. Integra o Grupo de Pesquisas AFROSIN-UFRRJ e o Coletivo Infâncias, uma parceria entre UERJ/FEBEF e UFRRJ. Coordena o projeto de pesquisa *As infâncias e as coisas: uma investigação com crianças sobre objetos do mundo*, financiado pela FAPERJ por meio do edital de Apoio às Cientistas Mães, com vínculo em ICTs do Estado do Rio de Janeiro, 2024. Também lidera os projetos de extensão: *Trajetos infantis: poéticas de aprender, políticas da proximidade e um ethos da amizade* e *Ateliê de infâncias: brincar e narrar como experiências formativas*.

UCS UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

UCS | EDUCS EDITORA

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

EDUCS

Nossos Selos

- **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
- **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
- **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
- **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
- **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
- **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
- **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
- **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
- **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
- **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.

Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.


UCS
EDUCS
EDITORA
50
ANOS